

US\$ 6,00

ÉPOCA

www.epoca.com.br

CASO WALDOMIRO
Governo fecha bingos para tentar abafar a crise

R\$ 6,50 N° 302 1º março 2004



Recrutas chegam para a expedição militar que, entre 1972 e 1974, aniquilou 60 membros do PCdoB. Até hoje só um corpo foi identificado

EXCLUSIVO



OS SEGREDOS DO ARAGUAIA

Pela primeira vez militares contam como foram mortos os guerrilheiros e onde eles estão enterrados

O especialista que achou os restos de Che Guevara vai escavar na região do conflito

Fantasmagorias do Araguaia

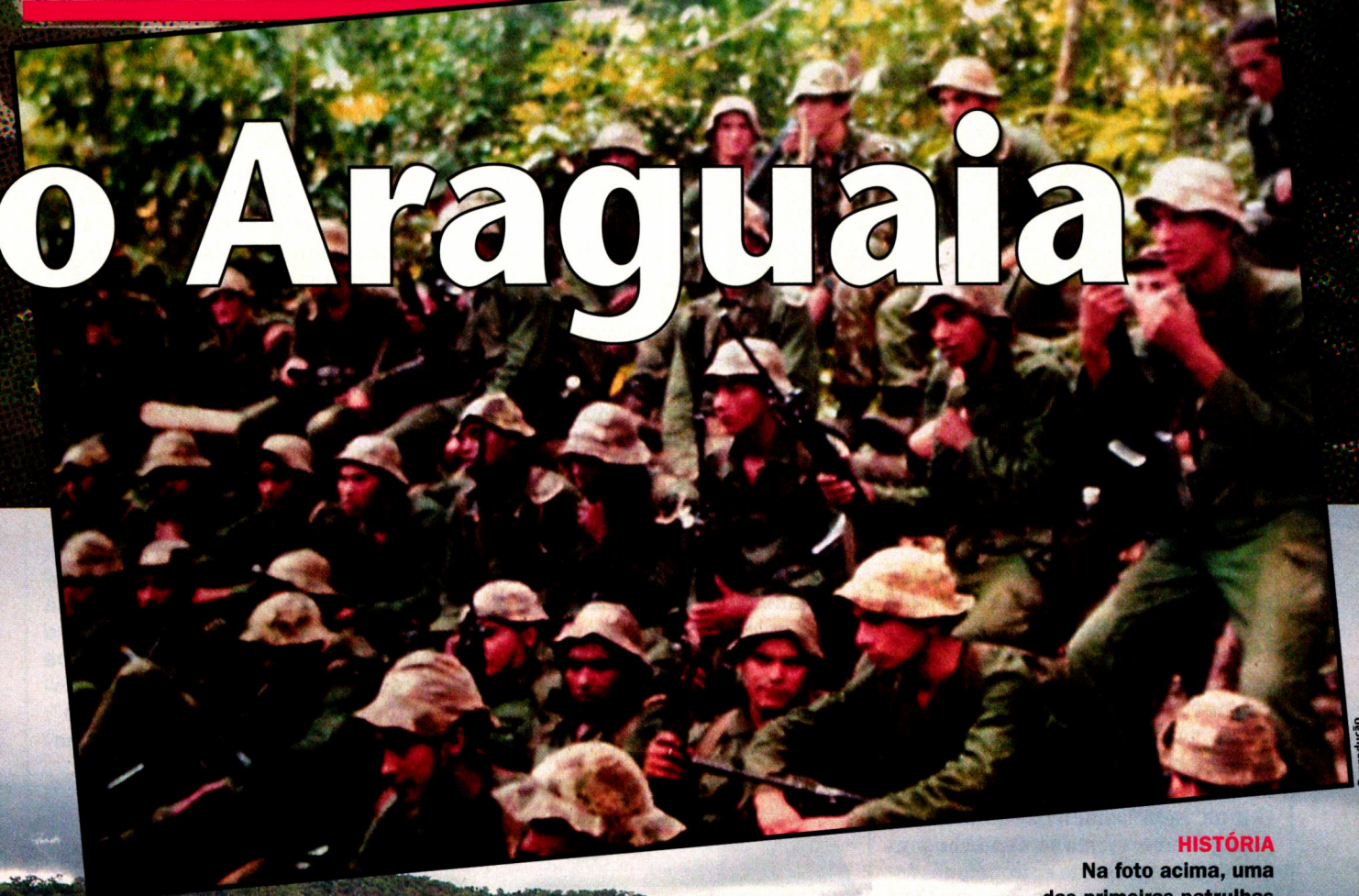
Soldados descobertos por ÉPOCA mostram onde enterraram guerrilheiros e o governo ordena escavações

LEANDRO LOYOLA

A lei mais sagrada nas matas do Araguaia era “ver, ouvir e calar”, como ordenavam, logo de cara, os comandantes militares aos soldados que chegavam à região para combater a guerrilha do PCdoB. O mandamento foi seguido à risca. Trinta anos depois, o Brasil ainda sabe muito pouco sobre o que aconteceu naqueles confins amazônicos entre a noite de Natal de 1973 e o fim de 1974. Esse período marca a investida decisiva do Exército no extermínio do mais organizado foco de combate ao governo desde Canudos. Nenhum dos 35 guerrilheiros que restavam na área (eram mais de 70 dois anos antes) sobreviveu para contar sua versão da história. Os militares que participaram da chacina fecharam-se e a campanha do Araguaia sumiu dos documentos oficiais. Não apareceram nem cadáveres para que as famílias pudessem enterrar seus mortos. Até hoje, apenas um corpo foi identificado. Esse silêncio é rompido agora com o depoimento de quatro soldados que atuaram na repressão à guerrilha em Xambioá. Durante 11 dias eles contaram a ÉPOCA como guerrilheiros foram presos, mortos e enterrados. Mais do que isso: apontaram os locais onde corpos de pelo menos quatro jovens combatentes foram sepultados. Os depoimentos inéditos jogam um pouco de luz sobre esse período de sombras. ▶

DE VOLTA Trinta anos depois, os ex-militares Raimundo Perelra e Josean Soares mostram ao secretário nacional dos Direitos Humanos, Nilmário Miranda, onde estariam enterrados quatro guerrilheiros do PCdoB

Lutudi/ÉPOCA



HISTÓRIA
Na foto acima, uma das primeiras patrulhas a chegar ao Araguaia





GUARDA Raimundo Pereira vigia o quartel de Marabá na época da guerrilha

surjam informações seguras dos locais onde podem ser encontrados corpos, para resgatá-los e entregá-los às famílias. Uma comissão secreta formada por membros do Exército, da Marinha e da Aeronáutica foi incumbida de revirar arquivos atrás de informações

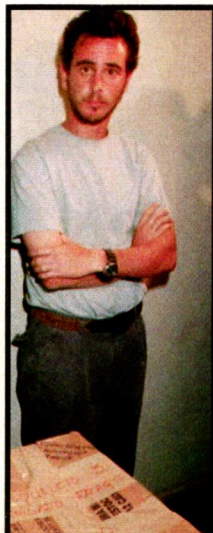
da guerrilha. O prazo para a entrega do material termina em 4 de abril.

Até hoje as Forças Armadas não assumem a luta do Araguaia. Foi a partir de 1966 que militantes do PCdoB começaram a chegar à região. O objetivo era instalar-se por ali e, com

“É a primeira vez que militares que participaram do combate decidem colaborar”, diz Nilmarírio Miranda, secretário nacional dos Direitos Humanos, que esteve na área em Xambioá a convite de ÉPOCA e também ouviu os soldados. “A área que eles apontaram como o local das covas era desconhecida e os depoimentos são consistentes.” O lugar será isolado imediatamente pelo governo. Nesta semana chegam à região um grupo de antropólogos forenses argentinos liderado por Luiz Fondebrider (o homem que escavou e identificou os restos mortais de Che Guevara na Bolívia) e uma equipe brasileira com radares para fazer reconhecimento e começar a busca dos corpos. Também participarão membros da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos e representantes das famílias.

No ano passado, a Justiça Federal deu ganho de causa aos familiares dos desaparecidos e obrigou as Forças Armadas a revelar todos os seus arquivos sobre o Araguaia. Mas o governo federal recorreu da decisão, adiando a abertura dos segredos. Nos bastidores, no entanto, continuaram intensas negociações. Foi acertado um pacto com os militares: ninguém precisa entregar nomes de executores, nem contar como tudo aconteceu – basta que

ESCAVAÇÃO Fondebrider chega para desenterrar corpos



É a primeira vez que militares colaboram com investigações

o tempo, cooptar a população para criar uma área autônoma no coração do Brasil. Alguns deles eram guerrilheiros treinados na China. A maioria, porém, era de estudantes universitários engajados na militância das cidades que se mudaram para o campo sem maior preparo.

Depois de duas campanhas em 1972 e 1973, quando alguns guerrilheiros foram presos e outros mortos, o Exército voltou com força no fim de 1973.

Com a ajuda de agentes infiltrados, camponeses recrutados à força e mateiros ávidos por recompensas, a chacina começou. E teve rápido resultado: já no início de 1975, na mensagem anual ao Congresso, o presidente Ernesto Geisel comunicava que “estava extinto o foco guerrilheiro de Xambioá”.

A história do Araguaia se divide em duas partes. Até o Natal de 1973 sabe-se do que aconteceu pelos depoimentos de sobreviventes.

A segunda etapa inicia-se no Natal de 1973, quando o Exército destruiu um acampamento e demoliu a estrutura da guerrilha. Dispersos, os combatentes do PCdoB passaram a ser caçados como bichos pela selva. Todos foram mortos.

Os ex-soldados Raimundo Pereira, Josean Soares, Antônio Fonseca e Elias Oliveira estavam por lá e têm muito a contar. Com 18 anos, eles foram recrutados em Marabá para um serviço militar comum, mas foram jogados no centro da guerrilha. Mais precisamente numa base do Exército e da Aeronáutica em Xambioá, município às margens do Rio Araguaia, em Goiás (hoje a área pertence a Tocantins). Localizada fora da cidade, a base era um centro de comando e apoio. Ali os militares usavam barba e cabelos longos, vestiam roupas comuns e tratavam-se como “doutor”, “delegado” ou “detetive”. Eram ho-

mens de batalhões de infantaria e pára-quedistas de regiões de fronteira.

“Eu só sabia de guerrilha de ouvir falar. Quando fui para lá, chorava de medo de não voltar para casa”, diz o ex-soldado Elias Pereira. Em períodos de serviço que duravam até 70 dias seguidos, os recrutas viram como o Exército operava: tortura, execuções sumárias de militantes presos, enterros clandestinos, festas para comemorar capturas e recompensas por cabeças. Seus depoimentos revelam fatos até hoje desconhecidos. Contam com detalhes que alguns guerrilheiros passaram meses presos até ser mortos e apontam onde foram enterrados.

Até hoje os quatro sofrem com as lembranças. “Eu não imaginava que alguém pudesse fazer aquelas coisas. Quem faz aquilo não sabe o que é Deus, não tem amor à mãe, aos filhos”, diz Josean Soares. Os quatro soldados caminharam rotineiramente ao redor do túmulo de Osvaldo Orlando da Costa, o mítico Osvaldão, e tiveram contato com outros seis guerrilheiros: Doca, Walkíria, Lia, Peri, Batista e Áurea. ■

Walkíria: a última guerrilheira

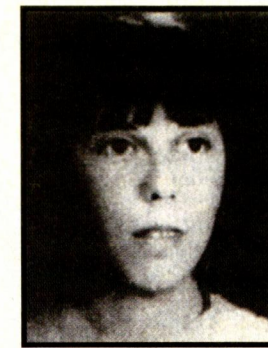
Prisioneira foi executada a tiros na beira da cova

N uma tarde de outubro de 1974, o rádio da base de Xambioá recebeu a mensagem de que uma patrulha havia capturado uma “papa-mai”, código que identificava os guerrilheiros. A notícia foi recebida com festa: satisfeito, o comandante mandou servir vinho e uísque aos oficiais. Minutos depois, um helicóptero desceu na base trazendo uma moça maltrapilha, de bermuda jeans e camisa velha. O troféu, que renderia alguns milhares de cruzeiros, era Walkíria Afonso Costa, de 28 anos, ex-estudante de pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais e vice-presidente de Centro Acadêmico.

Depois de meses de caçada, a foto de Walkíria era uma das poucas que

ainda não tinha um “x” em cima num quadro pregado na sala de comando da base, com os nomes dos guerrilheiros e respectivos valores de recompensa por prisão ou morte.

Filha de um bancário e criada em colégios católicos, Walkíria nunca havia sido presa antes. Tinha chegado à região em 1971, acompanhando o marido, Idalísio Soares Aranha Filho, também morto. Perdida na selva desde o Natal de 1973, transformara-se numa indigente. Pálida, a pele cheia de marcas de picadas, manca, ela andava descalça pela mata. Quando foi presa na casa de um camponês, aonde



DESESPERO Presa quando pedia comida

era bonita, tinha um cabelo castanho liso. Quase não falava: só pedia água”, conta o ex-soldado Josean Soares, que foi seu guarda em duas ocasiões.

Poucos dias depois, Josean e um colega já falecido foram encarregados de cavar uma cova atrás do refeitório da base.

Abriam um buraco de pouco mais de 1 metro de profundidade, em terreno pedregoso. Às 18 horas, após a cerimônia da bandeira, ele e todos os colegas foram dispensados para farrear em Xambioá. “O comandante mandou a gente ir para a cidade e voltar só depois da 1 hora da madrugada”, lembra Soares.

Era o dia da execução. No meio da noite, Walkíria foi levada para perto do buraco. Com uma espingarda de cano longo, um sargento pára-quedista conhecido na base como Tadeu deu o primeiro tiro, no pescoço. Walkíria caiu e ameaçou se levantar. Recebeu o segundo tiro. Mexeu-se de novo e levou o terceiro. Tudo mostra que ela foi a últi-

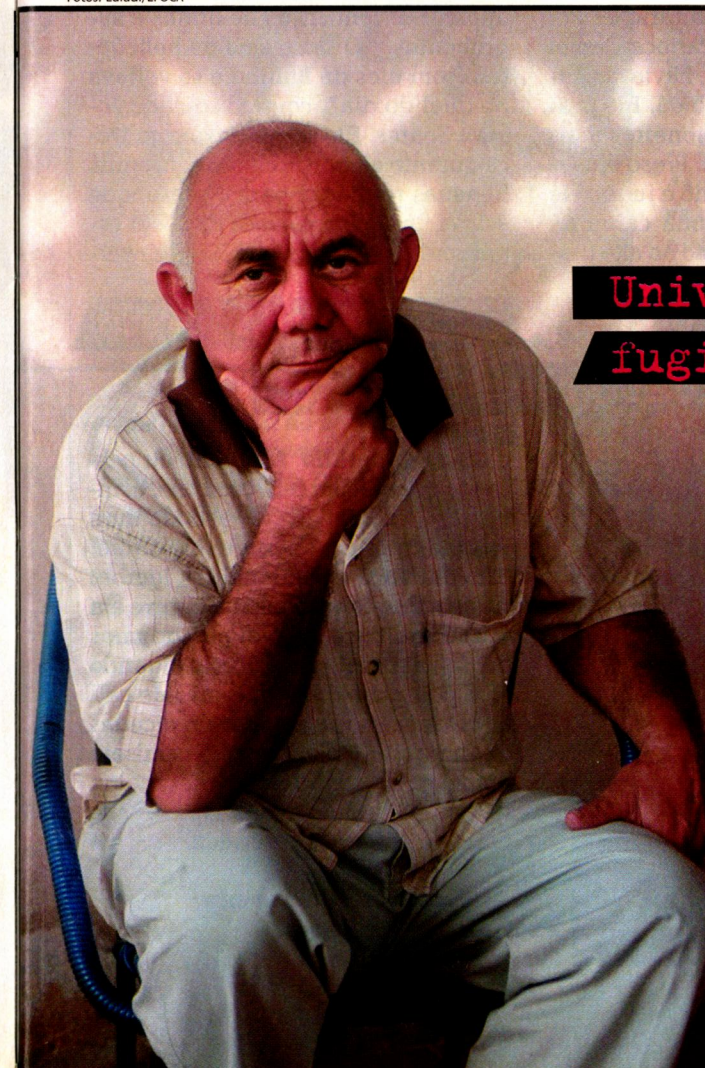
Universitária passou dez meses fugindo do Exército na mata

em que chegou à base militar, seu mau cheiro podia ser sentido de longe. Tomou banho, ganhou uma calça e camiseta branca. Um pedaço de corda de pára-quedas a mantinha amarrada a uma cama de campanha. “Ela

ma guerrilheira a ser morta no Araguaia. Quando voltou da folga, horas depois, Josean foi verificar no cativeiro e não encontrou mais Walkíria presa. Dirigiu-se até a cova que abriu e a encontrou coberta de terra. Ao lado, brilhava uma poça de sangue fresco.

Trinta anos depois, quando estava com a equipe de reportagem de ÉPOCA, Josean viu uma foto de Walkíria pela primeira vez. Estava na prefeitura de São Geraldo do Araguaia, num quadro em que aparecem as fotos de todos os guerrilheiros. Reconheceu-a na hora e estremeceu. “Eu nunca pensei que alguém pudesse fazer um negócio assim com uma menina daquelas.” ■

PASSADO Soares foi guarda de Walkíria: “Quando voltei, só vi sangue no chão”



Fotos: Luludi/ÉPOCA

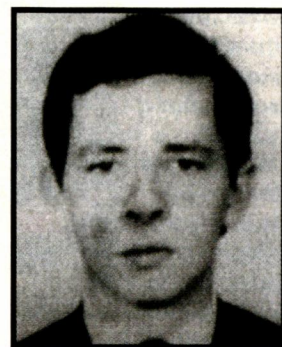
Dois corpos na mesma vala

Peri e Bastista chegaram mortos. Doca virou refém

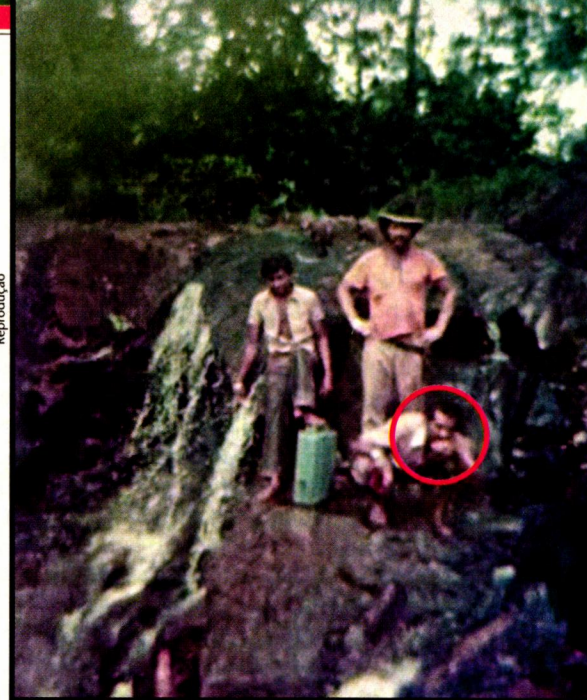
Dois corpos cravados de balas foram despejados na pista. Sem camisa, vestiam bermudas jeans desfiadas, presas com cintos de couro. Um deles estava descalço, o outro usava tênis Topa Tudo. Foram chutados pelos militares. Um soldado pegou o facão e abriu um buraco no peito de um dos mortos. "Tem gordura aí", zombou.

O cadáver com o peito aberto a facão era do guerrilheiro Peri, de 27 anos, disfarce do bancário Pedro Alexandrino de Oliveira Filho. O outro era de Batista, um dos poucos camponeses que os membros do PCdoB conseguiram cooptar para a luta. Os dois não foram mortos juntos. Batista, conforme relatos de agricultores da região, foi preso com a guerrilheira Áurea perto da casa de uma camponesa amiga.

O soldado Antônio Fonseca e um colega foram escalados para sepultar os corpos numa cova dentro da base. "Eles já estavam duros", conta. Fonseca pegou Peri pelos cabelos, levantou-o e jogou-o nas costas. O colega fez o mesmo com Batista. Ambos foram largados no mesmo buraco, um por cima do outro. Para cobrir



SELVA Peri chegou morto. Ao lado, Doca (agachado) com Santa Cruz (em pé)



os corpos foi usado um pano com listras vermelhas e brancas. Um camponês que estava preso na base encheu a cova de terra.

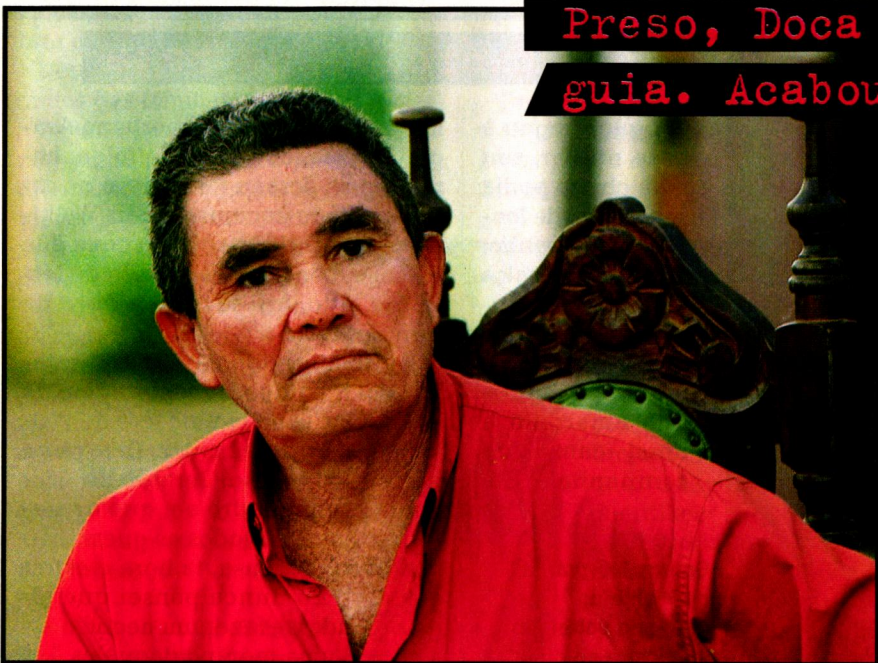
Um mês antes, ao contrário de Peri e Batista, o operário carioca Daniel Ribeiro Callado, o Doca, havia chegado vivo à base de Xambioá. Ele acabou sendo um dos prisioneiros mais duradouros do Exército. Preso em janeiro de 1974, entre maio e junho ele foi visto amarrado a uma cama de campanha na base. A foto no alto des-

ta página, que mostra Doca ao lado do sargento Santa Cruz (um dos maiores algozes do Araguaia), confirma: ele foi usado pelos militares para apontar esconderijos de armas e suprimentos. "O Doca saía de helicóptero com eles de manhã e só voltava no final do dia", conta o soldado Josean Soares. Ele conversava com Doca durante a noite, quando conseguia bananas roubadas para o preso, que estava muito fraco. Doca dizia ser estudante de Medicina no Rio - na ver-

Preso, Doca passou meses como guia. Acabou executado

dade era operário. "Quando eu perguntava o que um cara como ele, bem-nascido, do Rio, estava fazendo num lugar daqueles, ele ria e respondia: 'Um dia você vai entender'", lembra Josean. Enquanto o soldado esteve em missão na base, Daniel passou mais de dez dias seguidos preso. Quando veio pela primeira vez, estava de calça e sem camisa, coberto de picadas de mosquito. Recebeu uma camiseta e uma calça camuflada. Perambulou pela mata durante meses. Não se sabe onde foi morto ou enterrado.

CARGA Fonseca teve de carregar e enterrar dois guerrilheiros. "Os corpos já estavam duros"



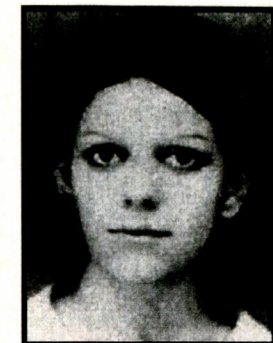
Fotos: Lulufil/ÉPOCA

Assassinadas no meio do mato

Áurea e Lia passaram pela base antes da execução

Em maio, o helicóptero trouxe para a base uma moça baixa, bonita, de cabelos castanho-claros, coberta com um vestido puído. Áurea Eliza Pereira Valadão, de 24 anos, tinha sido presa carregando um revólver imprestável. Estudante de Física na Universidade Federal do Rio de Janeiro, estava no Araguaia desde 1970 com o marido, o guerrilheiro Arildo Valadão, também morto. "Ela era rebelde", lembra o ex-soldado

Elias de Oliveira. Áurea falava pouco, mas sempre que podia xingava os militares. Cuspiu no rosto de um oficial quando comia no refeitório. "Eu fui dar água pra ela e falei: 'Estou aqui pra te ajudar'. Mas ela só xingava. Até me chutou", lembra outro soldado, Antônio Fonseca. Ficou só três dias na base. Foi levada de helicóptero e nunca mais voltou.



ESTUDANTES Áurea (à esq.) e Lia: revolta e choro

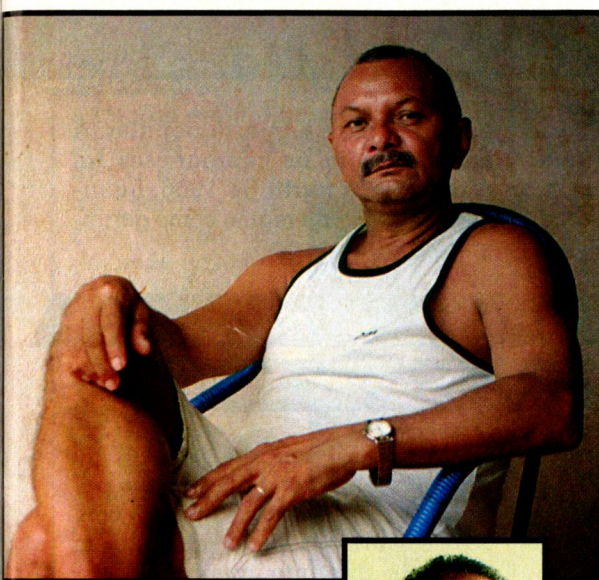
Quatro meses depois, no final da tarde de 7 de setembro, chegou Lia. Estudante de Geografia, ela estava na luta havia três anos com o marido, Elmo Corrêa, estudante de Medicina. Já viúva, Lia foi presa junto com a guerrilheira Dinalva Oliveira Teixeira, a Dina, em São Geraldo, às margens do Rio Araguaia.

Lia desceu do helicóptero encapuzada. Foi amarrada em um pau atrás da casa de comando da base. À meia-noite, depois do interrogatório dos oficiais, o soldado Raimundo Pereira foi chamado para montar guarda. "Ela chorava muito",

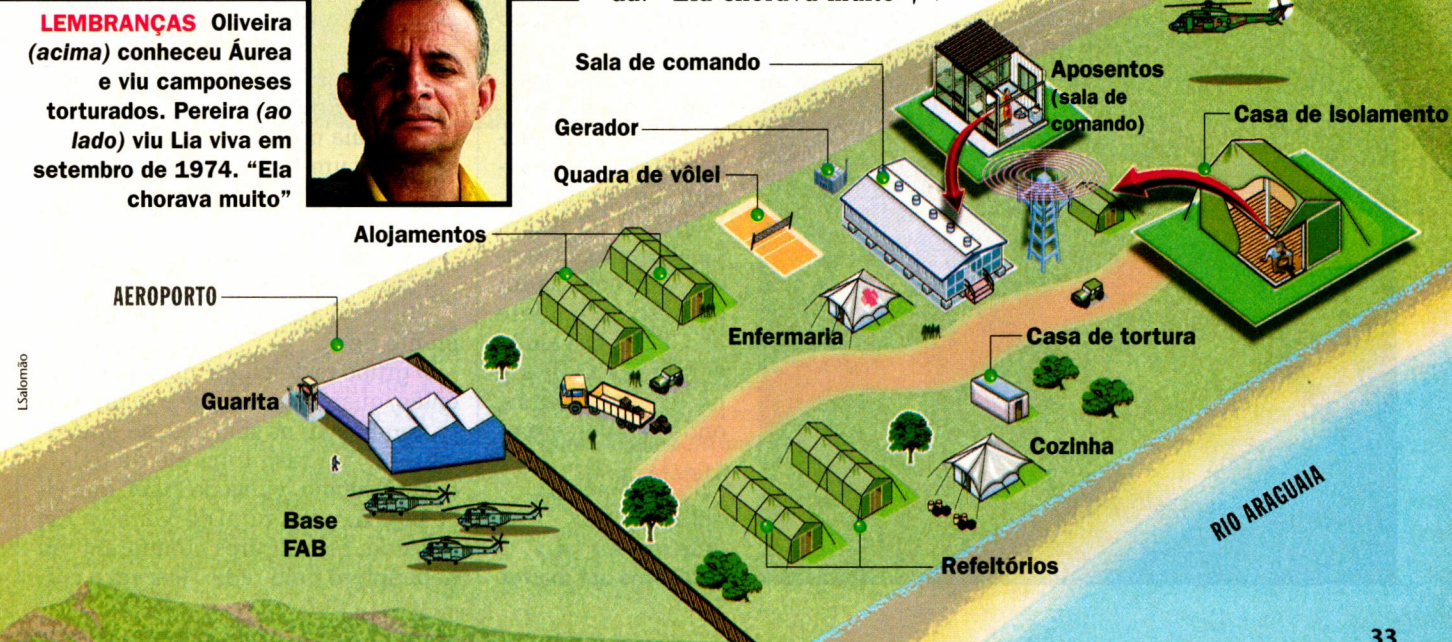
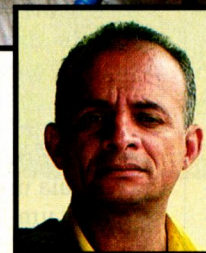
conta ele. Até as 4 horas da manhã, Lia só conseguiu cochilar um pouco. Pediu água, contou que era estudante e disse ser solteira. Depois suplicou para Raimundo amarrá-la sentada. Dormiu com a cabeça para trás. Na manhã do dia 8 foi encapuzada de novo e escoltada por dois soldados até a pista de pouso, onde entrou em um helicóptero. Meia hora depois o helicóptero voltou. Sem ela.

COMANDO NA SELVA

Base do Exército em Xambioá era central de comando, de torturas, de assassinatos e até cemitério



LEMBRANÇAS Oliveira (acima) conheceu Áurea e viu camponeses torturados. Pereira (ao lado) viu Lia viva em setembro de 1974. "Ela chorava muito"





Até o caçador ficou famoso

Piauí, matador de Oswaldão, ganhou terras e proteção

No Dia de Finados do ano passado, quando visitava o túmulo de um parente no cemitério de Xambioá, um morador acendeu uma vela e falou alto: "E esta vela aqui eu vou acender para o meu amigo Oswaldo Orlando da Costa, que morreu há quase 30 anos". Minutos depois, dezenas de velas estavam ao lado da sua. A poucos quilômetros do cemitério, no terreno onde funcionava a base de operações do Exército, os moradores poderiam prestar sua homenagem no lugar correto. É lá, no meio do mato, que os soldados indi-

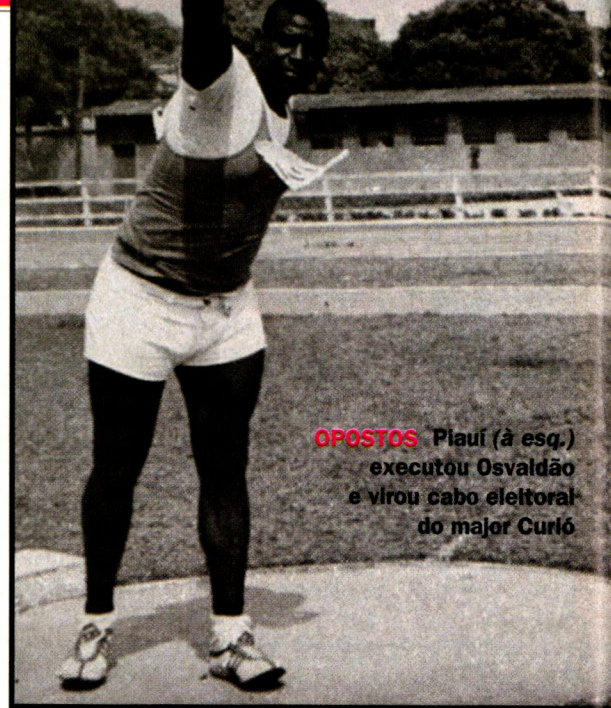
cam ter sido enterrado em 1974 o cadáver do mais famoso combatente do Araguaia.

A homenagem silenciosa dos velhos moradores mostra como Oswal-

Oswaldão era o mais temido. Seu corpo foi enterrado na base

dão ainda é lembrado e respeitado na região. Pode parecer incrível, mas até hoje quem conheceu o guerrilheiro e viu a fúria do Exército em seu encaço tem receio em pronunciar seu nome em público. Oswaldão era o mais preparado entre todos os 70 combatentes que estiveram no Araguaia. Negro, 1,98 metro de altura, ex-boxeador e arremessador de peso, ex-cadete do CPOR, Oswaldão esteve na China e na Tchecoslováquia, onde estudou e pre-

A VIÚVA Antônia, mulher de Piauí, conta que ele foi perseguido até morrer



Marcia Foletto/Ag. O Globo

parou-se para a guerra popular. A amizade com os camponeses foi construída a partir de 1966, quando se instalou na região como garimpeiro e caçador.

Oito anos depois, em fevereiro de 1974, Oswaldão andava sozinho pelo mato. Estava numa capeira com pés de mandioca, provavelmente em busca de alimento, quando foi visto pelo mateiro Arlindo Vieira da Silva. Piauí, como Vieira era conhecido, guiava a patrulha liderada pelo sargento Severino, que havia três dias seguia um rastro. Piauí abaixou-se e deu um tiro no peito do guerrilheiro. Oswaldão tombou. A patrulha veio atrás.

- Você deu tiro em quem?
- No Oswaldão!
- Não levante que pode ser fingimento dele.

O grupo rastejou até mais perto. Só então, quando viram que o guerrilheiro agonizava, os soldados se aproximaram. "Aí rasgaram ele de bala", conta Antônia, viúva de Piauí, que vive hoje na zona rural de Marabá. Em seguida, os militares chamaram um helicóptero pelo rádio. Içaram o cor-

po de Oswaldão, mas ele não estava bem preso e tombou. Içado novamente, o cadáver foi exposto à população em vôos rasantes para mostrar a força do Exército. A cabeça também acabou cortada e exibida.

Oswaldão foi enterrado no terreno da base do Exército, em Xambioá. "Naquele dia teve festa: fizeram churrasco no quartel em Marabá, com direito a cerveja para todo o mundo", conta o soldado Raimundo Pereira. Meses depois, um soldado vindo do Oiapoque andava na base com as sandálias de couro de Oswaldão. "O camarada exibia aquilo para fazer graça", lembra Josean.

Piauí ficou famoso como matador. Moradores dizem que recebeu uma caminhonete do Exército pelos bons serviços prestados desde 1972, o que a família nega. Sua viúva e seu irmão, José Vieira da Silva, contam que desde o começo da guerrilha sua casa era uma espécie de base informal para o major Sebastião Curió, o mais temido dos militares na região. A colaboração com Curió continuou, tanto que Piauí tinha carteirinha de colaborador do comitê de campanha do militar, hoje prefeito de Curionópolis.

A família de Piauí admite que ele foi presenteado com uma gleba na região de Caianos. Mas, sem dinheiro para pagar a escritura e ameaçado de morte por vizinhos, desistiu. Viveu escondido até o fim da vida, recebendo comida e alguma ajuda dos militares. Piauí morreu do coração, em 1993. "Quando ele adoeceu, pedimos ajuda ao Exército, mas no hospital que eles indicaram não quiseram atender", lembra a viúva. A família pediu e o Exército pagou seu enterro. "Era um caixãozinho do mais simples", lembra Antônia. ■

Colaboração forçada

Agricultores e comerciantes foram torturados para ajudar o Exército na caçada

Quando o Exército desferiu sua cruzada final no Araguaia, ficou acertado que não haveria prisioneiros e que a população local colaboraria na base do dinheiro ou da pancada. A segunda opção é a que acabou sendo usada para os seis homens da foto abaixo. José Rufino Pinheiro, Adão Rodrigues Lima, Manoel Ferreira, João Vitorio da Silva, Frederico Lopes e Raimundo Souza foram presos e torturados por terem vendido comida ou simplesmente por conhecerem gente como Oswaldão, Diana e Walkíria.

Frederico Lopes ficou 30 dias preso numa base do Exército na região da Bacaba por ter trabalhado para Oswaldão, anos antes, numa mina de cristal. Foi jogado nu sobre um formigueiro e levou coronhadas com um fuzil FAL. Quando libertado, não reconhecia a mulher e a filha. Nunca mais trabalhou.

Espancamentos e torturas de camponeses eram comuns. Na base de Xambioá havia um homem misterioso: um pára-quedista vindo do Oiapoque, que os soldados lembram chamar-se Tadeu. Muito forte e de barba ruiva, ele passava o dia todo sentado lendo gibis. Só se mexia para comer ou para torturar. "Ele mandava os caras baterem nele mesmo. Depois encostava o sujeito e arrebentava", conta o soldado Josean Soares. Tadeu tinha preferência pelo "telefone", o golpe que consiste em dois tapas simultâneos nos ouvidos.

O agricultor Rufino Pinheiro morava em um sítio no igarapé Fortaleza, na cabeceira da Serra das Andorinhas. Foi preso porque havia informações de que colaborava com a guerrilha. Na verdade, conhecia os guerrilheiros que passavam por seu quintal no caminho de casa e brincavam com seus filhos. No cárcere, em Xambioá, Pinheiro teve duas costelas quebradas por espancamento. Depois foi obrigado a guiar os militares durante cinco meses e perdeu suas roças. "Tomei prejuízo e pancada", diz.

Quem não apanhou teve prejuízo. Manoel Ferreira foi avisado de que sua amizade com guerrilheiros era perigosa e saiu de suas terras. Quando voltou, sua roça de mandioca tinha sido arrancada, a casa queimada e os animais (inclusive um jumento) sumido. Adão Lima e João Vitorio perderam tudo. Preso no fim de 1973, Vitorio apanhou, passou cinco meses embrenhado no mato mostrando a região e teve de fazer faxina na base de Xambioá. ■



TORTURADOS Agricultores e comerciantes sentiram o peso da tortura do Exército

Dono de uma mercearia, Souza amargou dois meses de prisão na Bacaba, uma fazenda à beira da Transamazônica, porque vendia para guerrilheiros. "Eles pagavam com notas novinhas, sem dobra. Por que eu não ia vender?", diz. Levou choques elétricos em um cárcere na sede do DNER em Marabá, que funcionava como aparelho do Exército. Passou 20 dias numa cela em que 16 homens amontoados eram obrigados a defecar em pé.



Fotos: Luitoldi/ÉPOCA